

Perspectiva filosófica, Recife, v. 52 n. 3 (edição especial) (2025): Filósofas Analíticas Brasileiras. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 0104-6454. DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2025.265936>

Submetido em: 1 mar. 2025
Aceito em: 18 ago. 2025

Entre Teorias e Práticas de Escrita Filosófica: uma resenha do livro “Penso, logo escrevo” de Veronica Campos

Between Theories and Practices of Philosophical Writing: a review of the book “Penso, logo escrevo” by Veronica Campos

Matheus Oliva da Costa¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG)

Lucas Jairo Cervantes Bispo²

Instituto Federal do Piauí (IFPI)

RESUMO

Resenha crítica do livro *Penso, logo escrevo: Um guia metodológico introdutório para a redação de ensaios filosóficos*, de Veronica Campos.

Palavras-chave: método. argumentação. exegese. escrita filosófica.

ABSTRACT

Critical review of the book *Penso, logo escrevo: Um guia metodológico introdutório para a redação de ensaios filosóficos (I Think, Therefore I Write: An Introductory Methodological Guide to Writing Philosophical Essays)*, by Veronica Campos.

Keywords: method. argumentation. exegesis. philosophical writing.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA AUTORA E DA OBRA

Como podemos escrever ensaios filosóficos? Existem diferentes tipos de ensaios filosóficos? Quais seriam os métodos mais adequados de escrita para cada tipo? Como podemos nos exercitar para desenvolver habilidades para escrever de forma mais clara, precisa e coerente? Essas perguntas são respondidas de uma maneira especialmente útil no livro *Penso, logo escrevo: Um guia metodológico introdutório para a redação de ensaios filosóficos*, escrito pela filósofa brasileira

¹ E-mail: matheusolivacosta@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6537-2188>.

² E-mail: Lucas.Bispo@ifpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5572-619X>.

Verônica de Souza Campos, e publicado em 2022. Trata-se de uma autora que tem se destacado em vários campos: de pesquisadora da consciência pré-reflexiva em Sartre, que passou depois a se especializar na noção de *akrasia* (intelectual ou epistêmica) no campo da epistemologia analítica, sendo desde 2023, entre outras coisas, pesquisadora no campo da epistemologia da religião, além de ter realizado estudos e oferecido cursos no ensino de técnicas de escrita filosófica, especificamente, e escrita acadêmica, em geral.

Na obra aqui resumida, a autora discute quinze variantes de ensaios filosóficos, analisa exemplos reais, mostra um *script* de cada modelo, oferece técnicas e exercícios para treinar a escrita e o reconhecimento das variantes, assim como discute mitos e equívocos acerca da escrita filosófica. Dessa maneira, procura suprir uma lacuna na literatura acadêmica, especialmente em português, facilitando o acesso a esse tipo de discussão e oferecendo um guia com ferramentas úteis para quem escreve ou pretende começar a escrever textos em filosofia. Tendo isso em vista, esta resenha consiste em uma análise da obra com destaque para a relevância do tema, os pontos principais da abordagem da autora e suas contribuições para o campo da escrita acadêmica em filosofia. Além disso, a resenha discute a coerência da estrutura e das ideias do livro e a qualidade do desenvolvimento do texto, apontando tanto méritos quanto possíveis limitações do trabalho. Assim, a resenha pretende oferecer ao(a) leitor(a) uma visão geral sobre a obra e sua aplicabilidade na área da filosofia.

2. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS E DAS METODOLOGIAS

A partir da sua experiência acadêmica e da leitura e análise de diversas obras que versam sobre a escrita filosófica, Campos chegou a uma síntese tipológica que é o coração da sua proposta. Trata-se da distinção entre escrita *argumentativa* e escrita *exegética*, bem como do tipo *misto* dessas duas abordagens. Sendo assim, vamos agora entender um pouco mais desses tipos e seus subtipos.

O tipo (1) argumentativo de textos filosóficos é centrado na disputa de ideias, conceitos e abordagens por meio de análise da linguagem, avaliação de teses e investigação crítica de falsos problemas, dando pouca atenção a dados como biografias e evitando jargões obscuros, ainda que a linguagem possa ser bastante téc-

nica. Seus cinco subtipos são os seguintes. O texto (1.1) “argumentativo equilibrado” caracteriza-se por um balanço crítico de diferentes posições sobre um tema de forma justa, explorando a visão, os limites e alcances de pelo menos duas posições teóricas, podendo, facultativamente, concluir sobre qual é mais pertinente sob critérios técnicos. Já no subtipo (1.2) “argumentativo equilibrado com terceira via”, além do balanço de duas posições teóricas, o foco é justamente numa nova proposta, a “terceira via”, que responderia melhor ao problema pesquisado.

Diferente dos dois primeiros subtipos, os três últimos são mais ousados metodologicamente, sendo mais propositivos e autorais, ao passo que são menos concentrados em analisar teses precedentes, ainda que possam se utilizar delas. O texto (1.3) “argumentativo persuasivo”, por sua vez, concentra-se no convencimento de uma proposta via argumentação, defendendo uma tese e respondendo a possíveis críticas, podendo ser a favor de uma proposta ou contra uma ideia. O subtipo textual (1.4), “argumentativo persuasivo-terapêutico”, é uma clara influência no modo de Wittgenstein de criticar falsos problemas, enfatizando quando um determinado debate entre X e Y, na verdade, está mal colocado, ou um suposto problema é um tanto impreciso na forma como é colocado, podendo terminar com uma proposta nova de entender aquele debate. Por fim, os textos que têm a forma (1.5) “argumentativa especulativa” são os mais refinados e frutos de debates cumulativos, e, por isso, é o que a autora mais recomenda deixar para uma situação de maior maturidade intelectual. Trata-se do levantamento de uma tese ou hipótese que nasce de uma pergunta aberta (“o que é x?”, “por que x?”, “para que x?”), e disputa, entre outras possíveis teses, a melhor explicação ao tema.

Já o tipo (2) exegético, por sua vez, tem o foco na compreensão de autores, obras e ideias, sem a intenção de avaliar ou disputar sobre a pertinência das ideias ali presentes. O que se quer na escrita exegética é justamente interpretar de modo mais fidedigno, acurado e esclarecedor, fornecendo uma ampliação da compreensão sobre o tema estudado. Seus cinco subtipos são os seguintes. O subtipo (2.1) “exegético sincrônico clássico” é talvez o modelo mais praticado por qualquer estudante de filosofia, não necessariamente para publicação, mas para entender satisfatoriamente o que pode ser sintetizado na fórmula “o conceito X conforme o filósofo/livro Y”. Já o texto (2.2) “exegético sincrônico aplicado” dá um passo além do entendimento de X na obra do filósofo Y, pois aplica o conceito X do filósofo Y a

um determinado caso ou situação Z. E há também o texto (2.3) “exegético sincrônico-comparativo”, que pode tanto comparar dois conceitos ou aspectos numa mesma autora, como pode também comparar um mesmo conceito em mais de um autor, esclarecendo ambos.

Enquanto os subtipos exegéticos *sincrônicos* se caracterizam por focar no conceito tal como é lido pelo pesquisador, os subtipos *diacrônicos* levam em conta a transformação histórica das ideias pesquisadas. O texto (2.4) “exegético diacrônico clássico” é exemplificado por Campos por duas frases: “O conceito de X ao longo da trajetória do autor Z” e “O problema X ao longo do período Y”, sendo o foco a mudança de um problema, conceito ou ideia. Por fim, o subtipo (2.5) “exegético diacrônico-comparativo”, por comparar diferentes trajetórias de uma mesma ideia ou conceito, elucida a transformação do pensamento ao longo da história, mostrando influências, recepções ou distanciamentos teóricos.

O tipo (3) misto de escrita filosófica é o que mais chama atenção, pois, muitas vezes, podemos encontrar textos que usam de métodos argumentativos e exegéticos numa mesma obra. Assim, Campos usou novamente seu poder de síntese para elencar o que entendeu como cinco tipos mistos. O subtipo (3.1) “exegético-argumentativo atributivo” mistura o tipo exegético sincrônico clássico com o argumentativo equilibrado, pois busca argumentar como determinada característica X *pode ser* atribuída ao filósofo ou obra Y, sendo bastante útil para esclarecer futuras classificações de textos. Por sua vez, o texto (3.2) “exegético-argumentativo de esclarecimento” é uma mistura dos subtipos exegético sincrônico comparativo e argumentativo especulativo, interpretando ideias de modo comparativo ou sistemático até que forme uma base para especulações autorais e novas sobre um tema X.

Já o (3.3) modelo “exegético-argumentativo tipo leitura crítica” soma os modos exegético sincrônico clássico e o argumentativo persuasivo, pois primeiro esforça-se por compreender um tema X no autor Y, para, depois, mostrar críticas de outros autores ou até elaborar críticas novas a visão mostrada na primeira parte. Há também o texto (3.4) “exegético-argumentativo tipo reescrevendo a história” usa o modo persuasivo junto com uma proposta diacrônica, buscando revisar a compreensão sobre a história de um conceito, tradição ou debate filosófico. Finalmente, o subtipo (3.5) é o “exegético-argumentativo tipo compreender e transformar o mundo”. Neste último modelo, mescla-se o subtipo argumentativo especulativo

com o modelo exegetico sincrónico aplicado, mas voltado a um problema prático e tangível em que uma teoria filosófica ajudaria não apenas a entender, mas também a apontar soluções úteis a serem praticadas.

Além desses capítulos centrais sobre os três tipos e seus quinze subtipos de textos filosóficos, há também outros três capítulos que abordam, respectivamente, técnicas de composição, mitos e equívocos sobre a escrita de textos filosóficos e, por fim, resoluções comentadas dos exercícios propostos ao longo dos capítulos. Posto isto, vamos agora entender um pouco mais sobre cada um desses conteúdos.

As técnicas de composição são posteriores à pesquisa, mas anteriores ao texto filosófico propriamente dito. Elas envolvem decisões e ações estratégicas para transformar o *script* geral, que é o modelo genérico de texto escolhido, contendo apenas o essencial, em um *script* específico, adaptado ao caso particular do texto que se pretende escrever. Ou seja, são ferramentas para transformar a pesquisa e as diretrizes do modelo de texto selecionado em uma primeira versão daquele que será o texto final. Tendo isso em vista, três técnicas de composição são apresentadas, com orientações e exemplos para aplicação, em ordem crescente de sofisticação: composição por rascunho simples, composição expansiva e composição por comandos.

Fazer um rascunho simples como técnica de composição significa criar uma versão inicial, não definitiva, do texto, com o objetivo de apresentar, organizar e estruturar ideias. No entanto, diferentemente da reescrita para o texto final, o rascunho é composto de forma mais básica, com mais liberdade e, portanto, mais facilidade de escrita. Nesse sentido, a maneira mais simples sugerida é a da contação de uma história expondo os fatos, detalhes e explicações sobre os fatos e um desfecho. Assim, por exemplo, no caso de modelos argumentativos, considera-se qual é o debate, entre quais autores e sobre qual ponto exatamente. Já no caso de textos exegeticos, considera-se, por exemplo, algum problema interpretativo na visão de mundo ou em conceitos de um filósofo.

No entanto, no geral, Campos não recomenda a utilização de resumos simples como método principal de composição para iniciantes ou para aprimorar as habilidades de escrita de ensaios filosóficos. Isto porque é um procedimento pouco sistemático em comparação a outros, não permite uma percepção muito clara sobre os principais problemas a serem resolvidos no texto e gera uma plasticidade,

um conjunto muito grande de possibilidades, que pode resultar num efeito paralisador.

A técnica de composição expansiva, por sua vez, consiste em um método cumulativo, de elaboração sucessiva, de escrita. Nessa técnica, primeiro é preciso expressar, em uma frase, aquilo que o texto pretende provar ou apresentar. Trata-se de uma sentença com o mínimo possível, apenas para a nossa própria compreensão, mas passível de ser expandida a partir do acréscimo futuro de outras informações. Posteriormente, é preciso construir uma primeira camada de expansão, por exemplo, adicionando por quais razões essa frase-base seria verdadeira. Com isto, passaremos a ter um fragmento, um conjunto composto por algumas sentenças. Em continuidade, para uma melhor compreensão desse fragmento, podem ser necessárias novas informações, como termos a serem definidos ou explicados, etc., o que demanda uma nova expansão. Assim, seguindo essa perspectiva, teremos novos fragmentos, que podem ser organizados acima ou abaixo da frase-base, também como novas possibilidades de expansão. Além disso, os fragmentos, na medida que tiverem subtópicos que podem ser desenvolvidos independentemente, podem ser divididos em parágrafos e novas frases-bases e camadas de expansão podem ser iniciadas.

Dessa maneira, buscando uma aproximação com o *script* escolhido, essa técnica oferece uma ordem, dado que cada expansão é justificada e solicitada por partes anteriores e específicas do texto. Oferece também controle, porque em cada etapa há conhecimento do que foi adicionado. Bem como apresenta uma exigência inicial baixa, pois é preciso apenas uma frase-base para iniciar a primeira versão do texto, que será construído por etapas.

A composição por comandos é apresentada como a forma mais sistemática, detalhada e aprofundada de composição. Trata-se de uma técnica dividida em duas etapas: a etapa de elaboração de instruções, que não inclui a escrita de trechos do texto, e a etapa de escrita, que não deve envolver elaboração de instruções. Ou seja, é um paradigma diferente da composição expansiva, na qual ambas as etapas se dão concomitantemente, pois na composição por comandos transformamos todos os dados em instruções anteriores à escrita do texto. Com isso, essa técnica demanda decisões estruturais, detalhadas e sistemáticas. Tendo isso em vista, Campos oferece um esquema composto por uma Folha de Comando, constituída por três

grandes blocos: o prelúdio (Bloco 1), as informações obtidas via estudo (Bloco 2), e os comandos (Bloco 3).

O prelúdio (Bloco 1) contém tópicos como o domínio e o âmbito geral da investigação, o item em específico a ser tratado, qual o *script* a ser seguido, para que o texto servirá e qual a sua importância. As informações obtidas via estudo (Bloco 2) contém informações que detalham o item e o problema relativo ao mesmo, passagens, citações e considerações pessoais relevantes para finalidade do texto, assim como uma organização hierárquica das informações obtidas em ordem crescente de importância. Por último, os comandos (Bloco 3) são divididos em duas etapas: na primeira etapa, devem ser registrados comandos claros e específicos para serem atendidos na escrita do texto. Na segunda etapa, por sua vez, é preciso refinar os comandos, relacionando-os entre eles e criando separações em parágrafos.

Além disso, a obra também busca esclarecer dez ideias equivocadas ou não completamente verdadeiras, frequentemente reproduzidas, explícita ou implicitamente, de modo refletido ou não, a respeito da escrita de textos filosóficos. Assim, Campos aponta quais são os erros, faz ressalvas acerca do que essas ideias podem conter de verdadeiro e indica quais seriam as melhores alternativas.

O primeiro mito abordado é o de que se praticarmos exegese o suficiente, ficaremos bons em argumentação. Ou seja, apenas com o acúmulo de experiência em escrita exegética seria possível desenvolver uma boa argumentação. Acontece que as técnicas de exegese e de argumentação são diferentes e para desenvolver e usar bem técnicas de argumentação é preciso, o quanto antes na formação, treiná-las em específico.

O segundo mito nos diz que se admiramos um filósofo, devemos elogiá-lo, como forma de pagar um tributo a ele. Todavia, adjetivar positiva ou negativamente um filósofo não faz diferença para a questão do sentido do que ele disse ou se o que ele disse procede. Ou seja, é dispensável. O melhor é que um texto contenha, tanto quanto possível, apenas o necessário e suficiente. Além disso, posturas antecipadamente elogiosas ou insultuosas distorcem a interpretação do texto e desfavorecem uma apreciação justa e caridosa das ideias, que é o que mais importa para entendê-las bem ou argumentar a seu favor ou contra.

O terceiro mito consiste em ter que surpreender o leitor, para fasciná-lo e prender sua atenção. Ou seja, o texto de filosofia deveria se assemelhar ao enredo literário. Porém, tudo que é inesperado ou não está bem explicado demanda um esforço intelectual desnecessário do leitor em termos de estabelecer relações que poderiam já estar dadas no texto pelo autor. Isto afasta o texto do ideal de seguir um curso organizado e previsível, que demandaria o mínimo necessário do leitor, exigindo mais do que precisa.

O quarto mito é o de que devemos mostrar o máximo possível que sabemos sobre um tópico. Mas não é verdade que quanto mais elementos conseguirmos reunir no mesmo texto, melhor. Isto porque os elementos de um texto precisam ser adequados para ele. Caso contrário, teremos um texto com excesso de informações e sem relação coerente e direta com o que está sendo abordado, o que atrapalhará a fluidez e a compreensão do texto.

O quinto mito compreende que o texto deve ser misterioso para que, assim, se destaque dos demais. Em outras palavras, seria preciso que o texto não seja completamente claro, para evitar que o leitor o compreenda imediatamente e não retorne para mais descobrimentos. Todavia, tornar um texto filosófico “misterioso” provavelmente vai sacrificar seu compromisso entre concisão, explicação, clareza e comprimento, que devem ser referências para uma escrita filosófica adequada.

O sexto mito sustenta que variar as palavras em um texto é, por si só, uma virtude. No entanto, a não repetição não é, por si só, benéfica, especialmente se os termos variados são centrais no texto ou nomes de filósofos. Ademais, o texto pode ficar mais cansativo, demandando mais do sistema cognitivo do leitor, mas sem gerar nenhum benefício suficientemente relevante.

O sétimo mito coloca que se aplicarmos muito bem as técnicas de composição, o resultado será bom o suficiente para ser o texto final. Entretanto, independentemente do quão bem aplicarmos as técnicas de composição, estas não dispensam, nem substituem, a etapa posterior, que é a da reescrita, de lapidação, na direção do texto final.

O oitavo mito é o de que termos técnicos podem ser empregados sem definição, desde que não sejam o objeto central do texto, pois caberia ao leitor saber, de antemão, seus significados. Ocorre que muitos termos técnicos são específicos de um ramo da filosofia, de modo que apenas os especialistas nele sabem ou têm a

obrigação de saber suas definições. Assim, quanto mais estivermos escrevendo para não-especialistas, maior é a necessidade de explicarmos, ainda que de maneira superficial e provisória, o que estamos querendo dizer com os termos técnicos utilizados.

O penúltimo mito nos diz que para estarmos aptos a escrever bons textos argumentativos, é preciso, antes, saber lógica formal. Contudo, não é preciso dominar toda a lógica para começar a escrever e argumentar. Além disso, é exercitando a escrita argumentativa, concomitantemente ao estudo da lógica formal, que poderemos passar a saber lógica e a desenvolver as virtudes da escrita argumentativa.

O último mito, por sua vez, diz respeito à ideia de que só pessoas verdadeiramente eruditas seriam qualificadas para escrever textos exegéticos. Porém, a erudição, por si só, não garante a qualidade dos textos. Por outro lado, a prática das técnicas requeridas para escrita de um texto exegético pode permitir uma boa escrita, mesmo que com uma bagagem cultural mais modesta.

Por fim, Campos apresenta respostas plausíveis e comentadas de todos os exercícios propostos ao longo dos capítulos do livro, mas sem o objetivo de exaurir as questões e considerando que algumas questões envolvem respostas pessoais ou podem ter mais de uma resposta.

3. IMPACTO, RELEVÂNCIA E INDICAÇÕES

O livro de Campos é uma materialização de alguns cursos de extensão que ela ofereceu em mais de um ambiente acadêmico da Filosofia, em que ela mostrava sua perspectiva sobre métodos de escrita filosófica. Desde esses cursos de extensão era já evidente a relevância do que era apresentado: tocava em aspectos técnicos imprescindíveis, provocava inquietações metodológicas e mostrava instrumentos concretos de orientação da escrita. Assim, este livro concretiza, de uma maneira sistematizada, mais acessível e mais fácil de preservar para a posteridade, um serviço de relevância formativa que Campos vêm prestando à comunidade acadêmica brasileira, em especial, à comunidade filosófica.

Para essa publicação, como já dito, ela explicitamente se amparou não somente em sua experiência acadêmica, mas também em múltiplas referências que já abordaram métodos em filosofia. Não obstante, essas referências são, na quase

totalidade, estrangeiras, o que, nesse caso, é um reflexo de uma lacuna de materiais em português e, mais importante, de publicações feitas por brasileiros/as sobre esses assuntos. Assim, embora Campos não tenha abordado explicitamente o quanto a literatura estrangeira trata ou não dos mesmos aspectos da sua obra, com esse livro ela contribui, primeiro, para a superação dessa lacuna, ao menos em português. Além disso, nos provoca e motiva, enquanto filósofas e filósofos brasileiros, para que pensemos mais sobre esses temas, com autonomia e a devida humildade intelectual, sempre abertos à toda contribuição possível que possa vir das mais diferentes fontes.

Para finalizar, temos algumas indicações que, paralelamente, podem revelar os alcances e limites da obra. Primeiro, claramente o livro é mais recomendável à graduandos ou até mestrandos de filosofia que estão no início da trajetória de pesquisa e escrita acadêmica. O motivo é, no geral, o caráter introdutório, altamente didático e algumas vezes bastante descontraído da escrita. Porém, o livro pode ser benéfico também a pessoas que são pesquisadoras e professoras mais experientes, já que Campos entra em minúcias e detalhes que não são facilmente encontrados em outras publicações do tema, mesmo em inglês. Por exemplo, seu sistema de *script* dos subtipos de escrita, assim como as técnicas de composição, têm elementos que poderiam ser usados tanto para aprimoramento da própria escrita quanto para o ensino e orientação da escrita filosófica.

Cabe lembrar, porém, que a obra tem um claro viés da tradição analítica, com algumas influências, em menor medida, da filosofia europeia continental, mas que ignora algumas tradições de escrita filosófica como as marxistas, as latino-americanas, as africanas, as asiáticas e a recente filosofia experimental. Nada que comprometa a qualidade da obra, mas certamente faz falta em alguns momentos em que escritos dessas tradições podem apresentar padrões diferentes dos subtipos mostrados. Ademais, é algo que uma segunda edição poderia incluir, se a autora julgar pertinente aumentar a diversidade de tradições filosóficas nos exemplos. Em especial, no caso da filosofia experimental e de filosofias como as latino-americanas, que partem de dados biológicos, sociais ou documentais concretos colhidos empiricamente pelos pesquisadores, talvez apenas o último subtipo teria alguma conexão, mas certamente não parece se encaixar suficientemente com a proposta de Campos. Assim, por um lado, o livro tem o limite de não alcançar o que foge de

uma pesquisa tradicional de filosofia. Por outro lado, fica claro que, para a maioria dos casos, o livro é uma excelente ferramenta metodológica que indicamos usar desde o início da trajetória acadêmica, podendo também ser consultada por filósofas e filósofos mais experientes para aprimoramentos metodológicos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Verônica. **Penso, logo escrevo: Um guia metodológico introdutório para a redação de ensaios filosóficos.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.